

Sobre o sintoma

José Luiz Machado Gaglianone*

Lacan aplicará a estratégia estruturalista no terreno da psicanálise. Ele vai injectar um certo número de conceitos emprestados à linguística estrutural na articulação da teoria analítica. Os primeiros conceitos lacanianos que sustentam a hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem podem ser circunscritos a partir da teoria freudiana do sonho. No trabalho do sonho encontraremos dois tipos de mecanismo fundamentais: condensação e deslocamento.¹

Estes são os elementos da teoria freudiana do sonho que Lacan utilizará para fundar e estabelecer a analogia entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento da linguagem. Esta ideia fundamental dos desenvolvimentos teóricos lacanianos só pode sustentar-se dentro de uma concepção estruturalista da linguagem. Perspectiva esta inaugurada pela obra de Ferdinand de Saussure.

Lacan vai trabalhar suas elaborações a partir de dois princípios da obra de Saussure:

Primeiramente a distinção radical entre significante e significado e em segundo a discriminação dos dois eixos da linguagem².

O algoritmo estrutural da linguagem constitui-se a partir da noção de signo linguístico exposta por Saussure no início deste século. Ele rompe com a concepção de unidade linguística como associação de um termo a uma coisa e propõe, ao invés disso, a associação de um conceito a uma imagem acústica, ou seja, de um significado a um significante.

Uma propriedade do signo explorada por Lacan será a autonomia do significante em relação ao significado, o que só pode ser concebido na medida em que significante e significado não estejam numa relação fixa. O arbitrário do signo manifesta-se no âmbito da associação entre o significante e o significado. De fato, podemos notar que não existe uma relação de necessidade entre um conceito e a montagem acústica que lhe serve de representação.

* Psiquiatra em Paris e AP da Associação Mundial de Psicanálise.

Podemos observar tal fato em psicóticos que apresentam distúrbios bastante profundos de linguagem nos quais a estruturação delirante da elocução aponta justamente para o carácter arbitrário do signo.

O mecanismo de desligamento do significante e do significado presente nos processos psicóticos levará Lacan a falar de ruptura das leis que ligam significante e significado e que o drama da psicose encontra-se na relação que o sujeito mantém com o significante.

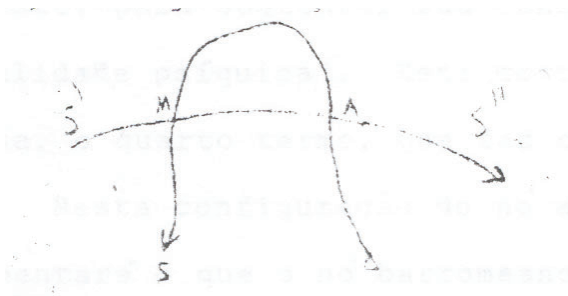
Depois desta revolução do signo, a segunda inovação fundamental de Saussure consistiu na introdução de um duplo recorte no sistema da linguagem. Levando em conta o uso que Lacan faz desta inovação, será pertinente compreendê-la a partir da perspectiva dos trabalhos de Jakobson³.

Falar consiste na acção de duas séries de operações simultâneas: por um lado, devemos seleccionar um certo número de unidades linguísticas no léxico. São operações metafóricas, que se dão no eixo paradigmático. Por outro lado devemos combiná-las entre si. São as operações metonímicas, no eixo sintagmático.

Lacan introduz algumas modificações com relação às teses de Saussure: o fluxo dos pensamentos e o fluxo dos sons são denominados respectivamente fluxo de significados e fluxo de significantes e o esquema do signo linguístico será invertido.

Lacan propõe ainda um conceito original, chamado por ele de «ponto de estofo» ou de «basta». Para ele, ponto de basta será a operação através da qual o significante pára o deslocamento, sem ele indefinido, da significação⁴.

Neste esquema o vector $\bar{A} - S$ materializa o ponto de basta. Podemos observar aí que um significante se liga a um significado de maneira retroactiva pois a significação de uma mensagem só ocorre no fim da articulação significante. E na dimensão do «só depois» que o ponto de basta estanca o deslocamento da significação. Por exemplo:



«O prato de bacalhau estava com uma bela apresentação, porém ao paladar deixou a desejar.»

Se pararmos a frase na vírgula, o significante «bacalhau» terá um significado totalmente diferente do que se completarmos a frase.

Nos anos setenta Lacan trabalha a topologia do nó borromeano reformulando a partir desta o próprio conceito de estrutura considerando as categorias da experiência analítica que são o real, o simbólico e o imaginário.

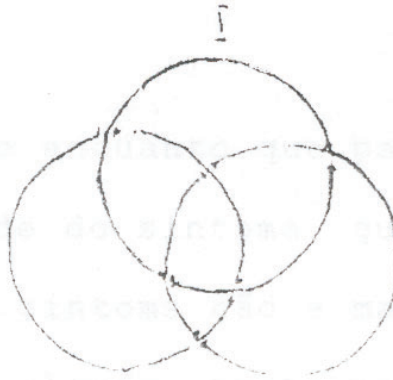
Nenhum dos anéis é enlaçado com os outros de maneira fixa, de forma que se desenlaçarmos um destes, todos separam-se.

Lacan indica que estes três registros estão independentes em Freud e que este, para sustentar sua construção teórica, criará a ideia de «realidade psíquica»

Esta corresponde ao

complexo de Édipo, ou seja, o quarto termo, que faz o nó destes três anéis R S I manter-se. Nesta configuração do nó a quatro o complexo de Édipo complementarà o que o nó borromeano realiza a três. O quarto anel vai amparar o desenlace do nó onde designa-se a forclusão. O complexo de Édipo freudiano, ou o Nome-do-pai como resultado do complexo em Lacan, será o significante que permitirá ao nó borromeano reconstituir-se enquanto tal.

O termo sintoma encontra sua origem na prática médica. Sua aparição na medicina ocorre quando esta passa de um estatuto sagrado e filosófico a um estatuto científico. Desta forma, o sintoma originar-se-á a partir do discurso da ciência. O sintoma virá perturbar a ordem científica, sendo considerado como uma falha a ser constatada na clínica. O discurso científico tentará dar uma resposta a esta falha. Quando não o consegue, quando o médico não encontra nada, dirá que saímos do campo da ciência e que entramos no da psicanálise. Assim sendo, para a medicina, o psicanalista situa-se fora do saber da ciência e ao mesmo tempo atribui-lhe um saber para além desta. Para o médico, trata-se de um saber científico enquanto que para o psicanalista, de um saber que toca uma verdade do sintoma, que toca o sujeito.



Para Freud, o sintoma não é mais, como na medicina, um signo que faz sinal para alguém, trata-se porém da expressão de uma verdade recalcada. Temos então uma verdade, um saber no sintoma. Este será entendido por Freud como uma das formações do inconsciente, assim como o sonho, o lapso, o chiste, que deve ser decifrado e que pode ser lido.

Para Lacan o sintoma terá uma estrutura significante. Trata-se de uma mensagem endereçada ao Outro, um significante do qual não conhecemos o significado (S/?). O sintoma será entendido também como expressão disfarçada de um desejo que corresponderia a uma fantasia inconsciente. Ele inclui em si um gozo, razão pela qual persiste mesmo sendo origem de sofrimento. Para transformar-se num sintoma analítico será preciso que o sintoma enquanto queixa seja formulado no campo do Outro, isto é, seja completado pelo analista. Assim o sujeito supõe um saber sobre sua queixa a um Outro. O sujeito transfere um saber sobre sua questão a um Outro. O sintoma analítico será então a queixa do sujeito completada pelo analista na transferência.

A teoria do *sinthoma* elaborada por Lacan nos anos setenta, sintoma com nova grafia, guarda muito pouca relação com o que acabo de expor aqui.

A etimologia da palavra sintoma envia-nos a duas raízes gregas SYM e TOMA, que querem dizer «cair com». «Coincidência». Já a etimologia de Lacan da palavra *sinthoma*, com nova grafia, remete a «Saint Thomas». Criando esta nova grafia. Lacan refere-se ao tomismo.

Veremos adiante como a concepção do *sinthoma* difere radicalmente do sintoma.

Para uma compreensão da aparição deste «neologismo» de Lacan temos que passar pela sua concepção de psicose.

Freud considera a psicose como um avatar do sujeito enquanto efeito de língua.

No seu texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, 5 Lacan constrói a sua primeira doutrina da estrutura da psicose inscrevendo-a em sua tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. Tese maior no ensino de Lacan, esta implica que a condição do sujeito depende do que se passa no Outro, articulado como um discurso, («o inconsciente é o discurso do Outro»).⁶

Neste texto, a estrutura da psicose é compreendida a partir das proposições avançadas no texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*.⁷

Lacan reconsidera a clínica Freudiana, construída a partir da sua prática da associação livre. Em consequência, segundo Lacan, ela é concebida dentro da estrutura da linguagem, ou seja, subordinada às leis do significante.

O louco é sujeito a fenómenos que vão contra o senso comum. Isto é fácil de se observar, ele adere a significações anômalas. O drama do *non-sens* da experiência psicótica encontra-se no discurso, então a causa deve ser identificada a nível do que motiva a estrutura da significação no discurso.

Dentro da doutrina do significante, a função do ponto de basta é o mecanismo da estrutura da significação que falta ao psicótico.

Para Lacan, a causa essencial mas não suficiente da psicose será a foraclusão do Nome-da-pai, ou seja, fracasso do Édipo e conseqüentemente a ausência da metáfora paterna que é precisamente o que determina a aparição de anomalias de significação e sentido no discurso psicótico. A ausência da metáfora paterna impede a função do ponto de basta, pois não haverá o significante do falo, que serve de «moeda de câmbio» com relação a qual o resto da cadeia significante «cristalizará seus significados».

A metáfora paterna funciona como princípio de estabilização, ela é ponto de parada do deslocamento dos significados sob os significantes, o que Lacan nomeia efeito de ponto de basta. A metáfora paterna permitirá uma significação à questão do ser. Ela dá conta de algo a significar, e o que deve ser significado na clínica é o que é denominado por Lacan o ser do sujeito, ou ainda ser do ente, ou ainda sua inefável e estúpida existência. A clínica mostra-nos que a causa ocasional da psicose pode ser variada na sua apresentação, porém seja qual for esta causa ela produzirá um chamado ao Nome-de-pai, este é o que torna o defeito da foraclusão do Nome-do-pai eficiente. Nas condições dramáticas do desencadeamento das psicoses há sempre presença de Um-pai. Estão sempre presentes circunstâncias da vida em que a questão de ser se coloca. Trata-se de questão de vida e de morte, de procriação, de amor, de sexo, de gozo.

Quando há encontro de Um-pai, ou seja, quando este significante é chamado no simbólico de onde ele foi foracluído acontece então uma desestabilização do que até então permitia um certo arranjo significante análogo ao ponto de basta, notaremos um re-arranjo significante que tem por efeito uma desestabilização das garantias imaginárias do sujeito.

Desde seu artigo *De uma questão preliminar ao tratamento possível da psicose*⁸ Lacan vai pensar uma suplência possível ao vazio súbito percebido

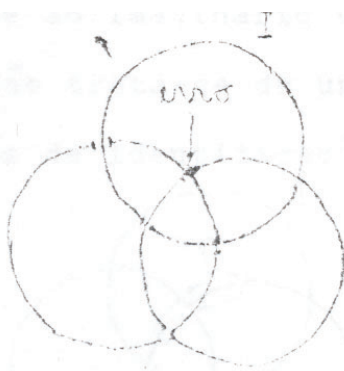
da *Werwerfung*, foraclusão inaugural. Só no fim de seu ensino é que ele dará ao termo de «suplência» toda sua extensão. Nós podemos encontrar como mecanismos de estabilização da psicose, a própria situação analítica, o fenómeno psicossomático, a metáfora delirante (da qual o paradigma seria a do Presidente Schreber) e o *sinthoma* Joyciano.

A função do pai, conceito operatório, não deixa de ser um mito Freudiano. Ela não é única: daí a pluralização dos Nomes-do-pai como suplências à deficiência estrutural do Outro.

Podemos observar configurações estruturais nas quais o nó borromeano a três não acontece, ou seja, a foraclusão do Nome-do-pai é estrutural, o que é revelado quando desencadeia-se uma psicose.

Observamos diversas maneiras de falha do nó borromeano dos três registros real, simbólico e imaginário, e diferentes maneiras de se dar suplência para fazer manter juntos R S I. O fracasso do nó pode traduzir-se por diferentes tipos de arranjo R S I. Podem estar separados, dissociados, não enlaçados, ou se desfazerem. É o caso da Psicose.

Ocupar-nos-emos da disposição do *sinthoma* Joyciano: neste, um quarto elemento vem reparar o nó, no ponto mesmo do erro. R S I continuam entrelaçados, porém o nó não é mais borromeano. Aí encontramos a função do *sinthoma* tal qual Lacan a concebe a partir de Joyce. No caso de Joyce, Lacan constrói uma observação clínica a partir do nó borromeano. Trata-se de um dos exemplos que classificam o que pode ser uma articulação da topologia e da clínica analítica. Lacan relata um episódio visto como fragmento clínico vivido por Joyce. Trata-se de um tapa infligido a Joyce que provocou o sentimento de uma espécie de separação de seu próprio corpo que parecia se perder como uma casca ou envelope. Este fenómeno, efeito da perda do próprio corpo que parte à deriva como que abandonado, Lacan convida-nos a identificá-la como deslize do imaginário que não manteve-se por causa de um erro no nó. Este erro pode ser localizado no nó de R S I no ponto onde ele se produz:



O ego de Joyce enquanto sinthoma será corretor deste erro do nó. O sinthoma assim concebido deve ser considerado como outra coisa, diferente de uma metáfora (como no caso do sintoma neurótico). Ele não poderá ser considerado como um significante diante do qual podemos encontrar um significado, pois não há significado algum. Não houve recalque instituindo a barra que separa S/s.

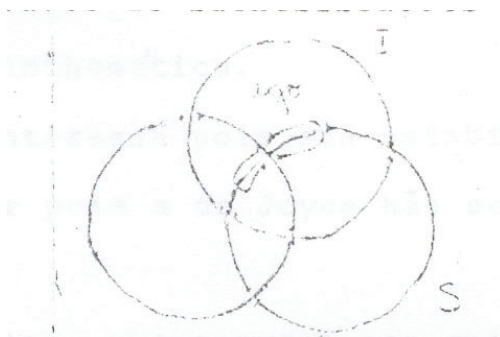
No Seminário R S I Lacan descreve o sinthoma como uma função relacionada ao significante porém uma função da letra.

O fato de que o pai de Joyce nunca foi um pai, a carência paternal que realiza a *Werwerfung*, de fato, não é suficiente para fazer de Joyce um psicótico no sentido de psicose desencadeada. Sua vontade de que sua obra ocupe o mundo universitário durante trezentos anos, de constituir um Nome para si, sua arte, vem em suplência da forclusão do Nome-do-pai. Nos anos em que escreve *Finnegans Wake*, 9 quando uma relação ao significante se impõe cada vez mais a ponto de ele acabar por dissolver a linguagem, a própria escrita toma valor de sinthoma, ou seja, vem em suplência do erro do nó evitando desta maneira o desencadeamento.

Lacan dirá que trata-se de uma compensação da *Werwerfung* paternal pela escrita. Mesmo o ego de Joyce que no *A Portrait of the Artist as a Young Man* 10 é visto por Lacan como imaginário de segurança, não é uma estrutura propriamente imaginária. É a suplência que fornece ao imaginário um certo enquadramento formal de sua estrutura. Não, trata-se de uma compensação imaginária do Édipo ausente através de identificações imaginárias.

Devemos ter em mente o esforço que Lacan realiza especialmente nos Seminários RSI e LE SINTHOME para encontrar uma via pela qual a psicanálise pudesse prescindir da referência ao pai em seus pontos cruciais sem tornar-se «delirante».

Reduzir os Nomes-da-pai às categorias do real, simbólico e imaginário será o que Lacan tentara elaborar neste momento para excluir a realidade



psíquica do Édipo, do nó que modifica os pontos de encontro entre real e simbólico, permitindo assim reduzir a função paterna.

Para o nosso tema será importante o resto desta empresa lacaniana, ou seja, uma nova concepção do sintoma que merece uma grafia diferente SINTHOME, um sintoma completamente vazio de sentido, que não é um significante, não interpretável, que não é uma metáfora, mas que não perde sua característica de correlacionar o sujeito com a não relação sexual. A referência que interessa a Lacan em 1976 levando-se em conta a primazia do real com relação aos outros registos não será mais o Nome-do-pai, mas sim a forclusão do sentido.

Joyce seria louco se não tivesse seu sinthoma. Será bom notar que diferentemente do Seminário III, no qual Lacan fala de psicose compensada imaginariamente por bengalas imaginárias, aqui o que se compensa não é a psicose mas sim a estrutura.

Lacan indica-nos que os modos de estabilização que podem ser atingidos após o desencadeamento de uma psicose dos quais a metáfora delirante é o paradigma são diferentes destes que resultam do nó sinthomático.

Joyce nos interessa pois sua estabilização foi mais eficaz que a de Schreber pois a de Joyce não permitiu o desencadeamento de sua psicose.

Lacan ressaltou o interesse com relação a esta teoria do sinthoma definido por uma função da letra, pois o gozo deste é um gozo outro. Ele implica um gozo positivo ao da coisa literária o que implica a manutenção de uma comunicação, do laço social. O sinthoma de Joyce é um sucesso consistindo no gozo a nível da letra, havendo assim restauração do laço social. Sucesso ainda pois ele conseguiu se impor como artista, ou seja, criou um «Nome de gozo».

Bibliografia

- 1- Freud, S. *La science des rêves*, 1900, Paris. Presses Universitaires de France. 1967, chapitre VII, pp 242-267.
- 2- De Saussure, F. *Cours de linguistique générale*. Paris, F. Payot, 1980.
- 3- Jakobson, F. *Essais de linguistique générale*. Paris, Minuit. 1963.